



Testemunhando o passado
Cuidando do presente
Preparando o futuro



INSTITUTO PERNAMBUCANO DE HISTÓRIA DA MEDICINA

BOLETIM INFORMATIVO

Ano 76 - Nº 15 - JAN/FEV 2022



*Memorial da Medicina, sede do Instituto Pernambucano de História da Medicina,
bairro do Derby, Recife, PE*

Editorial

2022 - Esperanças e desafios

Curiosidades Históricas

A cadeira tranquilizante
Estetoscópio coletivo

Invenções & descobertas que revolucionaram a medicina

A descoberta da Cortisona

Memórias da Medicina de Pernambuco

Amaury de Medeiros: o médico e o
sociólogo

Artigos em destaque

Vacinação infantil - desafio para
manter cobertura
Hospital das Clínicas



Boletim Informativo Instituto Pernambucano de História da Medicina

Diretoria

Presidente: Miguel Doherty
Vice-Presidente: Renato Câmara
Primeira-Secretaria: Ananília Filizola
Segunda-Secretaria: Edite Cordeiro
Tesouraria: João de Melo Régis Filho

Comissão de Divulgação & Comunicação

Marcelo Moraes Valença
Márcio Allain Teixeira
Bernardo David Sabat

Grupo de WhatsApp (Administradores)

Marcelo Moraes Valença
Márcio Allain Teixeira

Conselho Fiscal

Ester Azoubel Sales
Fernando Souza Cavalcanti
Luiz de Gonzaga Braga Barreto

Produção

IPHM (Instituto Pernambucano de História da Medicina).
O Boletim Informativo IPHM é uma publicação bimestral de circulação dirigida e de distribuição gratuita sob responsabilidade do IPHM.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as da Diretoria do Instituto.

Edição

Miguel Doherty
Renato Câmara

Formatação e Diagramação

Antonio Peregrino
Bernardo Sabat

Correspondência



Memorial da Medicina
Rua Amaury de Medeiros, 206
Derby, 52010-120, Recife, PE



rdcamara@hotmail.com

Opniões, artigos e sugestões são bem vindos

Associados (Sócios Titulares)

1. Amaury de Siqueira Medeiros
2. Ananília Filizola de Vasconcelos
3. Antonio Lopes de Miranda
4. Antonio Medeiros Peregrino da Silva
5. Bento José Bezerra Neto
6. Bernardo David Sabat
7. Bertoldo Kruze Grande de Arruda
8. CarlosAlberto Cunha de Miranda
9. Cláudio Renato Pina Moreira
10. Djalma Agripino de Melo Filho
11. Edite Rocha Cordeiro
12. Eleny Silveira
13. Eni Maria Ribeiro Teixeira
14. Eridan Medeiros Coutinho
15. Ester Azoubel Sales
16. Fernando José Soares de Azevedo
17. Fernando Pinto Pessoa
18. Fernando de Souza Cavalcanti
19. Gilda Kelner
20. Gilson Edmar Gonçalves e Silva
21. Gisélia Alves Pontes da Silva
22. Hildo Rocha Cirne de Azevedo Filho
23. João de Melo Régis Filho
24. José Benjamin Gomes
25. José Luiz de Lima Filho
26. Luiz Carlos Oliveira Diniz
27. Luiz de Gonzaga Braga Barreto
28. Marcelo Moraes Valença
29. Márcio Diniz Allain Teixeira
30. Maria de Fátima Militão de Albuquerque
31. Meraldo Zisman
32. Miguel John Zumaeta Doherty
33. Moacir de Novaes Lima Ferreira
34. Paulo José Carvalheira de Mendonça
35. Raul Manhães de Castro
36. Reinaldo da Rosa Borges de Oliveira
37. Renato Dornelas Câmara Neto
38. Saulo Gorenstein
39. Sérgio Tavares Montenegro
40. Sílvio da Silva Caldas Neto
41. Theóphilo José de Freitas Neto
42. Thereza G. Marletti
43. Vânia Pinheiro Ramos
44. Zília de Aguiar Codeceira

Associados (Sócios Correspondentes)

1. José Roberto de Souza Baratella (SP)
2. Ney Marques Fonseca (RN)

Editorial

2022 Esperanças e desafios

Miguel Doherty
Renato Câmara

O ano recém-iniciado ainda traz consigo as limitações impostas por esta interminável pandemia do Coronavírus. Apesar das adversidades, muitas delas inerentes a uma instituição sem fins lucrativos e sem patrocinadores oficiais, a diretoria do IPHM buscando melhor se adaptar ao novo normal estabeleceu metas que poderão permitir o funcionamento satisfatório do nosso sodalício no presente ano. Serão etapas iniciais retomar nossas reuniões científicas mensais, as famosas “Quartas-Históricas”, em encontros virtuais e manter a periodicidade bi-mensal do nosso Boletim Informativo, procurando aprimorá-lo para possibilitar uma leitura agradável. Está nos nossos objetivos também promover a atualização dos registros do nosso acervo bibliográfico que nos últimos dois anos foi enriquecido por doações valiosas como também torná-lo acessível a consultas por interessados. Intenciona-se ampliar o número de associados com especial atenção para outros profissionais da área da saúde e também agilizar nossa filiação à Sociedade Internacional para a História da Medicina (I.S.H.M.). A revisão do Estatuto e do Regimento Interno bem como o fortalecimento de nossa presença junto às entidades e sociedades médicas do Estado, integram também o conjunto de propósitos a serem alcançados.

Entretanto, é preciso lançar nossas redes para águas mais profundas visando principalmente a restauração e reabertura do Museu de Medicina de Pernambuco, meta que sempre esteve entre nossas prioridades, mas infelizmente não atingida pelas dificuldades na obtenção de recursos financeiros, pela escassez de se conseguir doadores e principalmente pelos percalços induzidos pela pandemia que nos obrigou, por motivos absolutamente procedentes, a suspender a busca de patrocinadores.

Para contornar estes problemas conseguimos a aprovação de projetos de restauração do acervo do MMP em dois editais da FACEPE e da PROEXC-UFPE (este com a colaboração do CCM/FM) que serão brevemente iniciados. São modestas ações mas representam passo importante para alcançar o objetivo maior que é a reativação do Museu. Não deixa de ser constrangedor para a Diretoria ver o Museu fe-

chado, seu acervo recolhido e guardado em condições inóspitas e reconhecer que a nossa situação financeira franciscana não nos permite avançar. Por outro lado, não dispúnhamos de nossa memória escrita passível de ser consultada e divulgada e para suprir tal deficiência a diretoria se dedicou por meses em 2021 a este exaustivo trabalho conseguindo-se resgatar os 75 anos de história do IPHM e de seu Museu. Lançamos o livro em fins do ano passado e sua publicação só foi possível com a utilização de recursos próprios e com o financiamento de sua impressão gráfica pela Academia Pernambucana de Medicina.

Nesta busca de melhorar o desempenho do IPHM pretendemos estimular o estudo da História da Medicina, de maneira sistemática e duas ações neste sentido serão programadas: um Curso sobre este tema e o incentivo à criação da disciplina de História da Medicina nas nossas escolas médicas, hoje restrita a 02 faculdades a FPS (na modalidade EAD) e, principalmente, a conceituada disciplina da FCM/UPE.

Em relação a este tema deve ser enfatizado que a História da Medicina na sua tríade conceitual – histórica, filosófica e ética – constitui, segundo Sebastião Gusmão (UFMG), disciplina fundamental para a formação humanística e integralizada do jovem esculápio. A I.S.H.M. considera vital que todas as escolas médicas tenham um Departamento que congregue as chamadas Humanidades Médicas, onde devem estar incluídas a Bioética, a Filosofia, o Direito Médico e a História da Medicina, às quais associamos a Literatura e a Arte. Entendemos assim que estes enfoques estão no âmbito de nossa missão, pois a História da Medicina não é apenas a recordação de eventos pretéritos e, além disso, temos que contribuir para formar médicos-cidadãos.

Conscientes que o tempo urge, que a “messe é grande e os operários são poucos”, conclamamos todos associados a participarem destas atividades pois sozinhos não avançaremos, como lembra o provérbio africano: “Se queres ir rápido vais sozinho, se queres ir longe vai em grupo!”.

Seção I - Curiosidades Históricas

Benjamin Rush

Pai da Psiquiatria Americana e sua Cadeira Tranquilizante



Benjamin Rush (1745-1813) é considerado o Pai da Psiquiatria Americana. Em sua obra de 1812, “Observations and inquires upon the diseases of the mind” (Observações e investigações sobre as doenças da mente) - primeiro livro-texto de psiquiatria publicado na América do Norte - Rush apresentou pela primeira vez na medicina americana a crença de que os transtornos mentais eram doenças da mente e não possessões demoníacas.

Em época de absoluta escassez terapêutica neuropsiquiátrica, idealizou a denominada “Cadeira Tranquilizante” (Tranquilizing Chair”). Com o pressuposto de que as doenças mentais teriam correlação com problemas arteriais e inflamação cerebral, a cadeira fazia contenção na atividade motora o que, supunha-se, reduziria o pulso e fluxo sanguíneo no sistema nervoso central. A técnica não surtiu qualquer resultado positivo.

Referências:

- 1) University of Pennsylvania Home Page (<https://www.uphs.upenn.edu/paharc/timeline/1751/tline7.html>).
- 2) T. Szasz *Hist Psychiatry* 2005 Vol. 16 Issue 61 Pt 1 Pages 89-98

Estetoscópio Coletivo

Tecnologia para a educação médica



Tecnologia a serviço da educação médica tem sido objeto de interesse e aplicabilidade sempre que disponível.

No início do século XX, foi desenvolvido um aparelho elétrico com objetivo de disseminar os sons cardíacos para vários estetoscópios ao mesmo tempo no sentido de facilitar aprendizagem e discussão de vários médicos e estudantes de medicina.

Um estetoscópio central era aplicado sobre as áreas de ausculta cardíaca de um paciente e todos os sons (bulhas, frequência de batimentos e possíveis sopros ou outros sons anormais) eram encaminhados a uma central que os transmitia para os estetoscópios a ela acoplados e que provinha de vários outros médicos.

A ideia foi bem aceita porém o equipamento era caro e necessitava de aprimoramentos para que houvesse nitidez e alta fidelidade nos sons.

Referência:

Medical Education - A History in 100 Images. Keiran Walsh. CRC Press, London, 2016, p.223-224.

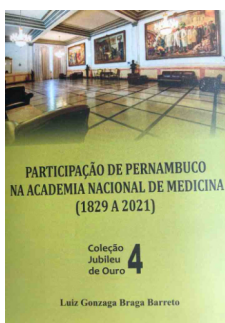
Seção II - Notas Avulsas

Livro do Instituto Pernambucano de História da Medicina

Em 15/12/2021, durante a solenidade de encerramento das atividades anuais da Academia Pernambucana de Medicina, foi lançado o livro : “Instituto Pernambucano de História da Medicina -75 anos de História” de autoria dos associados Miguel Doherty, Renato Câmara e Luiz Barreto. o livro resgata a história da nossa sociedade e faz um relato das atividades de suas diretorias comentando seus esforços, dificuldades e luta para manter o Instituto vivo. No discurso de lançamento o Dr. Renato ressaltou a importância de se ter agora um registro completo de nossa memória, que servirá de consultas e fonte de pesquisas. O livro tem uma rica seção de fotos e foi impresso sob os auspícios da Academia Pernambucana de Medicina; ele não será comercializado e está sendo distribuído, podendo também ser obtido na secretaria da Academia ou pelo fone (81) 999755544.



Livro do Confrade Luiz de Gonzaga Braga Barreto



Também na solenidade da APM em 15/12/2021 foi lançado o livro “Participação de Pernambuco na Academia Nacional de Medicina (1829-2021)”, mais uma produção literária de nosso associado Dr. Luiz Barreto. Na obra o autor traz interessantes e inéditas informações ressaltando a participação do prof. Rui João Marques, o único pernambucano a ingressar na ANM como membro titular da instituição, em 1988. Foi também sócio titular do IPHM e vice-presidente durante período de gestão de Leduar de Assis Rocha.

Editais de Agências de Fomento

O IPHM inscreveu-se em 2 editais de apoio à preservação de museus, lançados pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPE e pela FACEPE. No primeiro tivemos o apoio do prof. Luiz Alberto Matos, diretor do CCM e no segundo do museólogo dr. Rômulo de Freitas Gonzalez. Fomos contemplados em ambos projetos. O projeto da Proexc complementa o da FACEPE e juntos prevêm a higienização e acondicionamento do acervo do Museu de Medicina de Pernambuco, contando, inclusive, com dois bolsistas que trabalharão pelo período de um ano. Trata-se de uma etapa fundamental para a reativação do museu.

Seção II - Notas Avulsas

Academia de Atenas



No dia 19/11/2021 o IPHM presenteou a APM com uma bela reprodução da Academia de Atenas, pintura do famoso artista Rafael Sanzio (realizada entre os anos de 1509-1511), que se encontra na Stanza della Segnatura, no Vaticano. É considerada uma das mais célebres obras do pintor renascentista. Retrata a homenagem à filosofia e expressa a valorização do pensamento clássico. O quadro ficou afixado no Salão Nobre prof. Geraldo Pereira.

Confraternização - Jornal Memorial da Medicina



O Jornal Memorial da Medicina, filiado à Academia Pernambucana de Medicina, ao Instituto Pernambucano de História da Medicina e à Universidade Federal de Pernambuco, realizou no dia 14/12/2021, uma belíssima reunião de confraternização de fim de ano, a qual foi prestigiada pelo Reitor da UFPE e seu Pró-Reitor de Extensão e Cultura, além de outros convidados e representantes da APM e do IPHM. O encontro foi coordenado pelo prof. Marcelo Valença, que preside o Grupo de Pesquisa “Avanços em Neurocirurgia/Advances in Science”, que edita a referida revista.

Seção III - Invenções & descobertas que revolucionaram a medicina



Bernardo Sabat
Sócio Titular do IPHM

A descoberta da Cortisona: uma história envolvendo vários pesquisadores, vultosos recursos e duas décadas de trabalho

O ano de 1929 foi o marco inicial na história da cortisona projetando Philip Hench, Edward Kendall, Lewis Sarett e Tadeusz Reichstein como notáveis pesquisadores.

Em 1929, Philip Hench, reumatologista da Mayo Clinic, Rochester (EUA), observou, por acaso, melhora dos sintomas da artrite reumatoide associados à icterícia. A partir desta observação, Hench presumiu que a artrite reumatóide era reversível devido a ação de uma substância (a qual designou de substância X) presente na fase icterica da hepatite.

Posteriormente, foi verificado, em voluntários com artrite reumática, a ineficácia da administração de bile e extrato de fígado bem como a indução iatrogênica de icterícia, mediante uso de substâncias tóxicas para o fígado. Dessa forma, Hench concluiu que a substância X tinha origem extra hepática e que se tornava ativa durante o curso da icterícia.

Ainda em 1929, Edward Kendall, também na Mayo Clinic, concentrou-se no estudo dos hormônios da adrenal. A dificuldade para obtenção de glândulas foi resolvida com a participação do laboratório Parke-Davis. De 1934 a 1939, o Dr. Kendall processou 150 toneladas de glândulas suprarrenais, no valor de 9 milhões de dólares, em troca da produção de epinefrina para o laboratório. Em 1936, Kendall identificou seis compostos da adrenal, chamando-os de A, B, C, D, E e F. Posteriormente o composto E foi identificado como a cortisona.

Também no ano de 1929, Tadeusz Reichstein, trabalhando na Suíça de forma independente, identificou o mesmo hormônio, designando-o como composto Fa. Reichstein juntamente com Edward Calvin Ken-

dall e Philip Showalter Hench receberam o Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina em 1950 por seus trabalhos sobre hormônios da glândula suprarrenal que culminaram com o isolamento da cortisona.

O processo de purificação do composto E, era trabalhoso e de baixo rendimento. Entretanto, em dezembro de 1944, no laboratório de Kendall, Sarett, aos 26 anos, conseguiu sintetizar o composto E a partir da bile de boi.

O 1º paciente a receber tratamento com a cortisona ocorreu na Mayo Clinic, em setembro de 1948, com o produto fornecido pelo laboratório Merck. A paciente, divulgada como sendo a Sra. G., recebeu duas injeções intramusculares de 50 mg, das mãos do Dr. Charles H. Slocumb, o reumatologista júnior do hospital.

A comercialização inicial da cortisona foi marcada pela disparidade dos mecanismos reguladores. Enquanto que no Reino Unido ocorreu um severo controle com limitação na produção, distribuição e uso, nos Estados Unidos estabeleceu-se um mercado livre no qual a cortisona chegou a ser vendida por US\$1000,00 o grama

Merece registro histórico a influência que a II Guerra Mundial teve no aporte de recursos financeiros, com o objetivo de acelerar a produção e o uso clínico da cortisona. Em 1939, com base na falsa suposição que os nazistas estariam usando a cortisona para melhorar a performance dos pilotos de aviões e dos marinheiros dos submarinos, o governo dos Estados Unidos, por meio do Conselho Nacional de Pesquisa, alocou recursos vultosos visando a produção da cortisona, inclusive à frente da penicilina.

Seção IV - Memórias da Medicina de Pernambuco

PERSONAGENS PERNAMBUCANAS QUE FIZERAM HISTÓRIA

Amaury de Medeiros

O médico e o sociólogo

Amaury de Medeiros e Gilberto Freyre deixaram o Recife na adolescência e à cidade retornaram - festejados como talentos dos mais promissores – em datas próximas: aquele no final de janeiro de 1923 e este em março do mesmo ano. De Freyre partiram informações descontraídas acerca do momento em que conheceu Amaury: em um artigo, de julho de 1923, sugeriu já ter travado conversa com o médico; em outro, de dezembro de 1928, declarou terem sido apresentados na tarde de 28 de abril de 1924, na reunião que deu origem ao Centro Regionalista do Nordeste. O certo é que nos cerca de dois anos e meio seguintes, até o médico deixar o Recife em outubro de 1926, Amaury e Freyre estabeleceram um convívio intelectual intenso e instigante. Eram jovens atrevidos, com grande domínio da escrita, algumas fortes afinidades e diferenças difíceis de conciliar. Guardavam afinidades estéticas e divergências frente ao tema da higiene. O sociólogo nunca escondeu sua aversão ao “messianismo higienico” que atribuía ao médico sanitarista e clínico. Amaury, por sua vez, não se negou a chamar de “pieguice” a defesa dos mocambos, que tinha em Freyre seu mais notório intérprete no Recife.



Amaury de Medeiros*

Em meados da década de 1920, o recifense Gilberto Freyre (1900-1897) era um jovem muito prestigiado nos meios intelectuais locais, recém-chegado de cinco anos de estudos nos Estados Unidos. Colaborava com revistas e, desde 1918, com o Diário de Pernambuco. Em homenagem recebida no Colégio Americano Batista, foi saudado por Luiz de França Pereira (1872-1925) – seu ex-professor e então presidente da Academia Pernambucana de Letras – como “[...]uma das mais fortes organizações intellectuales da nova geração”.

Amaury de Medeiros (1893-1928) era um inquieto médico nascido no Recife e formado em 1916 no Rio de Janeiro, onde atuara como clínico especialista em doenças pulmonares, dirigira os serviços médicos da Cruz Vermelha Brasileira e coordenara uma ruidosa Cruzada Nacional Contra a Tuberculose. Em fevereiro de 1923, assumira a chefia do Departamento de Saúde e Assistência de Pernambuco, nomeado por seu sogro, o governador Sérgio Loreto. Nesse cargo, coordenou uma ampla reforma dos serviços e uma intensa atividade de propaganda sanitária, inspeção de moradias, escolas e fábricas, fundação de postos de saúde, criação e reforma de hospitais e intervenções urbanas, por meio de obras de drenagem de áreas alagadas. Essa ação resultou, entre muitas outras coisas, na criação da fundação A Casa Operária, na remodelação do Hospital Santa Águeda, (hoje H. Oswaldo Cruz) e na urbanização do Derby e de Boa Viagem. Tornou-se um marco da saúde pública em Pernambuco. Faleceu em 03/12/1928, vítima de acidente aéreo. Foi patrono da Cadeira nº 6 do Instituto Pernambucano de História da Medicina, ocupada por Joaquim Cavalcanti.

Fonte: Artigo da Profa. Telma de Barros Correia, Doutora em História pela USP (An. Mus. Paul. 28/2020).

* Foto do acervo IPHM/MMP doada pelo Centro de Ciências da Saúde da UFPE em 1996; registro nº 392

Seção IV - Memórias da Medicina de Pernambuco (cont.)

ACERVO DO MUSEU DA MEDICINA DE PERNAMBUCO

Bureau e cadeira de Amaury de Medeiros



Mobiliários usados por Dr. Amaury de Medeiros quando dirigiu o Departamento de Saúde e Assistência de Pernambuco, órgão que lidava diretamente com a saúde pública. O bureau é peça de madeira provavelmente confeccionada no século XIX e doado ao IPHM/MMP pela FUSAM-PE; está registrado no nosso inventário Museológico sob o número 350. A cadeira é peça em madeira com acento e encosto em couro, doada também pela FUSAM e registrada no MMP sob o número 351 (*ambas as fotos são de 2014*).



Seção V - Artigos em destaque (I)

**Gisélia Alves Pontes**

Sócia Titular do IPHM

Vacinação infantil

Um desafio manter coberturas adequadas



A pediatria é o ramo da medicina que tem como objetivo cuidar da saúde da criança e do adolescente. A percepção que a saúde é mais do

que a ausência de doença exigiu que novas abordagens teóricas fossem desenvolvidas de modo a propiciar um melhor entendimento das repercussões que diferentes agravos causam a essa população. Um marco foi o desenvolvimento da teoria da Origem Desenvolvimentista da Saúde da Doença, ela amplia o nosso entendimento no sentido de mostrar que fatores atuando no início da vida podem moldar/modelar o processo de desenvolvimento humano. Daí a importância de alargarmos os nossos horizontes e compreender que diferentes agravos – as doenças infecciosas inclusive – podem deixar marcas (epigenéticas) no organismo.

A pediatria tem como objetivo principal a promoção da saúde e a prevenção de agravos à saúde. Neste contexto, a vacinação infantil tem um papel importante e reduziu de forma significativa a morbidade e a letalidade de diversas doenças infecciosas imunopreveníveis.

Em uma situação de pandemia como a que estamos vivenciando, uma abordagem que contemple a complexidade associada a adoção das medidas relacionadas a prevenção de uma doença é um desafio. Pois, não basta ter conhecimento sobre a doença e/ou as medidas efetivas para a sua prevenção, mas, e principalmente, é preciso assegurar a adesão das pessoas a estas medidas. Uma campanha educativa para incentivar a vacinação anticovid precisaria valorizar os aspectos comportamentais e buscar esclarecer crenças e derrubar mitos que levam as pessoas a assumirem um comporta-

mento antivacina, e não ser alicerçada apenas em aspectos coercitivos.

Este é o contexto que precisamos considerar em relação à vacinação infantil anticovid. Certamente que a desinformação é a principal “inimiga”, mas outros aspectos precisariam ser considerados para que campanhas de esclarecimento tenham sucesso.

Por que estamos vendo uma baixa adesão à vacinação infantil em uma população que historicamente é favorável a vacinação?

A vacinação infantil é uma história de sucesso no mundo e, de forma particular, no Brasil. Uma história que tem como marco inicial um acontecimento ocorrido no século XVIII. Embora a variação já fosse usada popularmente foi Edward Jenner, um médico inglês, que pela primeira vez, realizou um experimento dentro dos moldes aceitos a época. Ele inoculou James Phipps, uma criança de oito anos, a partir de material obtido através de escarificação de uma lesão de pele de uma camponesa, Sarah Nelms, acometida de cowpox. A criança teve uma leve reação e um ano após foi inoculada com material proveniente de uma lesão de smallpox. Jenner observou que a criança não desenvolveu varíola. Estava protegida. Foi a partir deste evento que se originou o termo vacina: do adjetivo latino vaccinae (derivado do substantivo vacca).

Ao longo do século XX o avanço científico e tecnológico propiciou que diversas vacinas fossem desenvolvidas. O que levou ao controle, ao longo das décadas seguintes, de várias doenças infecciosas que antes eram consideradas “doenças próprias da infância”. A erradicação da varíola e da paralisia infantil (em muitos países) foram marcos importantes. No entanto, nos últimos anos, está ocorrendo uma diminuição preocupante na cobertura vacinal, em vários paí-

Vacinação infantil Um desafio manter coberturas adequadas (cont.)

ses, o que contribui para o ressurgimento de doenças que eram consideradas controladas como é o caso da coqueluche. Esse fato ocorre paralelamente ao crescimento dos movimentos antivacina.

No Brasil, em 1974, foi criado o Programa Nacional de Imunização (PNI) e em 1977 foi instituído o primeiro calendário básico de vacinação. Durante um certo período havia uma diferença importante entre as vacinas preconizadas pelo PNI e as oferecidas em clínicas particulares que seguiam o calendário preconizado pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) e Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIIm). Nos últimos anos, essas diferenças foram reduzidas.

Atualmente, são disponibilizadas para crianças e adolescentes quase duas dezenas de vacinas no serviço público. Mas a cobertura vacinal não se dá de forma homogênea em todo o território nacional.

No contexto da pandemia da Covid 19 novos desafios foram postos. Em um tempo relativamente

curto foram disponibilizadas vacinas que se mostraram efetivas na redução do grau de adoecimento dos indivíduos infectados pelo Sars-cov-2. Logo essas vacinas foram liberadas para adolescentes e, finalmente, para crianças maiores de cinco anos. Apesar da implementação rápida, em vários países, da vacinação infantil no Brasil a cobertura em crianças entre cinco e 11 anos está aquém do desejado. A desinformação, a postura do presidente da república, a posição dúbia do Ministério da Saúde (MS) em vários momentos, a disseminação em redes sociais de fakenews, a balbúrdia dos antivax, a falta de uma campanha educativa em âmbito nacional são possíveis explicações para a baixa cobertura que estamos observando até o momento.

Urge que as instituições ligadas à sociedade civil ao reconhecer a importância do PNI exijam dos governantes ação. Só assim ganhos históricos que foram obtidos com a vacinação infantil não serão perdidos e no caso particular do controle da pandemia possamos ter em curto prazo a população infantil vacinada.



**A cobertura vacinal, para
crianças e adolescentes no
serviço público, dirige-se à
prevenção de quase duas
dezenas de patologias**

Referências

Gluckman PD, Hanson MA, Beedle AS. *Early Life Events and Their Consequences for Later Disease: A Life History and Evolutionary Perspective*. *American Journal of Human Biology* 2007; 19:1–19. / <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1738-conheca-a-historia-das-vacinas> / <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1263-vacinas-as-origens-a-importancia-e-os-novos-debates-sobre-seu-uso?showall=1&limitstart=> / <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/entenda-por-que-algumas-vacinas-sao-dadas- apenas-na-infancia-adolescencia-fase-adulta-ou-idosa> / https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/23107b-DocCient-Calendario_Vacinacao_2021.pdf

Seção V - Artigos em destaque (II)



Luiz Barreto

Sócio Titular do IPHM

Esta é primeira vez que leio, em documentos que retratam a história da medicina em Pernambuco, um texto jornalístico, com uma proposta de criação de um Hospital das Clínicas para a Faculdade de Medicina do Recife.

E ocorreu, quando foi publicado no Diário de Pernambuco, em 21 de junho de 1932, uma reportagem sobre o encerramento do Primeiro Congresso Médico-Acadêmico de Pernambuco, comemorado em almoço de congratulações oferecido aos professores e à imprensa, pelos acadêmicos de Medicina que integravam a Sociedade de Internos dos Hospitais do Recife.

Antes de abordar esse assunto principal, gostaria de informar que a Sociedade de Internos dos Hospitais do Recife foi criada em 1926, quando a Faculdade de Medicina do Recife tinha diplomado apenas, a sua primeira turma de Médicos, em 1925.

Em 1932, era presidente dessa Sociedade o acadêmico doutorando Miguel Archanjo do Nascimento, nascido na cidade de Serra Talhada, antiga Villa Bella. Foi ele quem idealizou e realizou com maestria e com a participação de alguns colegas, esse Primeiro Congresso Médico Acadêmico de Pernambuco, no Recife.



Dr. Miguel Archanjo

O almoço de congratulações como foi designado, foi realizado no restaurante Santo Antonio, na Rua do Imperador. Presentes o diretor da Faculdade de Medicina do Recife, Prof. Octávio de Freitas, o grande incentivador da criação dessa organização estudantil

e do Congresso, além dos seguintes outros professores: Gouveia de Barros, Aggeu Magalhães, Artur Gonçalves, Edgar Altino, Arthur de Sá e Romero Marques, e também o Dr. Décio Pereira, diretor do Departamento de Saúde Pública, instituição correspondente ao que é atualmente a Secretaria de Saúde. Além de representantes do Diário de Pernambuco, Diário da Manhã, Jornal do Recife, Diário da Tarde, e Jornal Pequeno, e claro o presidente da Sociedade de Internos dos Hospitais do Recife, participaram os estudantes Miguel Archanjo do Nascimento e mais quase 30 outros acadêmicos.

A sessão solene inaugural do 1º Congresso Médico-Acadêmico de Pernambuco realizou-se no salão nobre da Faculdade de Medicina, sob a presidência do Dr. Octavio de Freitas, em 12 de junho de 1932, às 20 horas, que pronunciou “palavras de louvores à iniciativa da mocidade acadêmica”. Usou da palavra o acadêmico Antonio Machado, orador da Sociedade e em seguida houve a conferência proferida pelo professor Dr. Edgar Altino sob o tema: “Usos médicos no Egito e na Grécia”.

O salão nobre da Faculdade de Medicina estava completamente cheio de autoridades, professores, médicos, engenheiros, advogados, famílias e estudantes.

As sessões científicas foram presididas por importantes professores da Faculdade de Medicina. No dia 14, a reunião foi no Hospital Pedro II, presidida pelo Prof. Romero Marques; no dia 15 a sessão foi no Departamento de Saúde Pública, sob a presidência do Prof. Gouveia de Barros; no dia 16, foi usado o espaço do Hospital Santo Amaro, com a presidência do Prof. Artur Gonçalves; no dia 17 na Faculdade de Medicina, sessão presidida pelo Prof. Arthur de Sá; e finalmente aconteceu o encerramento dos trabalhos do 1º Congresso Médico-Acadêmico de Pernambuco, às 20 horas, na Faculdade de Medicina, sob a presidência do Prof. Dr. Aggeu Magalhães (pai).

Hospital das Clínicas (cont.)

Vale salientar outro aspecto desse evento tão bem arquitetado e executado pelo acadêmico Miguel Archanjo do Nascimento e sua equipe, é a utilização de espaços que sempre foram icônicos para a medicina de Pernambuco: a Faculdade de Medicina do Recife, o Hospital Pedro II, o Hospital Santo Amaro e o Departamento de Saúde Pública, mostrando o engajamento dos professores e médicos dessas instituições, e o respeito que demonstravam pela formação de novas gerações de médicos em Pernambuco.

Mas, agora voltemos aos acontecimentos do dia 19 de agosto de 1932, o almoço de congratulações realizado no restaurante Santo Antonio, na Rua do Imperador.



Durante aquela celebração, usaram da palavra alguns acadêmicos e em seguida houve o pronunciamento do Prof. Dr. Octavio de Freitas e do Dr. Décio Pereira.

Após esses pronunciamentos foi a oportunidade do acadêmico Miguel Archanjo fazer uma retrospectiva sobre esse Congresso, agradecer aos professores, à imprensa e aos estudantes pelas participações, e em seguida apresentou a seguinte proposta:

“Proponho que formulemos um voto fervoroso no sentido de ser criado no Recife o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina e que o novo nosocômio, atendendo aos direitos formidáveis e incontestes do grande

nome - propugnador da Faculdade - seja chamado Hospital das Clínicas Octavio de Freitas. A proposta foi recebida por todos com uma prolongada salva de palmas”.

Depois da apresentação dessa importante proposta, somente encontrei outra narrativa nesse sentido, ou seja, da criação de um hospital para a Faculdade, lendo o relatório da Faculdade de Medicina de 1946, quando o diretor de então, Prof. Oscar Coutinho, relatou naquele documento, que o governo do Estado havia doado o terreno em frente à Faculdade de Medicina do Recife - hoje praça Octávio de Freitas -, para nele ser construído o Hospital da Faculdade. Projeto que não teve continuidade.

Assim, foi o doutorando Miguel Archanjo do Nascimento o primeiro a pugnar, publicamente, pela criação de um Hospital das Clínicas para a Faculdade de Medicina do Recife, na reunião de 19 de agosto de 1932.

Dr. Miguel Archanjo do Nascimento colou grau pela Faculdade de Medicina do Recife, em 3 de outubro de 1932.

Recife, 24 de fevereiro de 2022, dia do aniversário do Dr. Octávio de Freitas.





Seção VI - Datas Comemorativas

JANEIRO

- 01 Dia da Confraternização Universal
- 02 Dia do Sanitarista
- 04 Dia do Hemofílico
- 23 Dia Internacional da Medicina Integrativa
- 24 Dia Internacional da Educação
- 27 Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto
- 30 Dia Nacional e Prevenção da Hanseníase

FEVEREIRO

- 04 Dia Mundial do Câncer
- 05 Dia do Dermatologista
- 06 Dia Internacional da Tolerância Zero à Mutilação Genital Feminina
- 11 Dia Mundial do Enfermo
- 11 Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência
- 15 Dia Internacional de Luta contra o Câncer Infantil
- 20 Dia Nacional de Combate às Drogas e Alcoolismo

Aniversariantes do Bimestre

Janeiro

30 Marcelo Valença

Fevereiro

1º Gilson Edmar
15 Fátima Militão
17 Raul Manhães
20 Miguel Doherty

Aos nossos leitores

Desde o número anterior iniciamos mudanças na feição gráfica do nosso Boletim Informativo. Visamos apresentar uma composição com melhor facilidade de leitura usando textos com fontes mais claras, distribuídas em duas colunas, com maior uso de imagens e boxes de texto com cores.

Essas mudanças de formatação, em construção, não mudam, todavia, os princípios básicos do periódico que segue a linha mestra do nosso Instituto Pernambucano de História da Medicina de “testemunhar o passado, cuidar do presente e preparar o futuro” da nossa Medicina.

Ao tempo em que fazemos tais mudanças, gostaríamos de convidar todos os leitores para contribuírem com artigos, com informações sobre eventos e outras ideias e sugestões. Gostaríamos muito de ouvir seus comentários!